

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

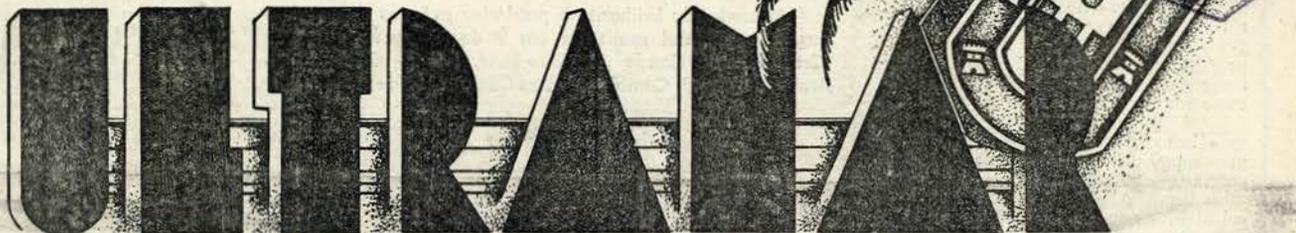
Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

COMO já foi notificado pela Imprensa diária, chegaram a Lisboa, em 17 do mês pretérito, a 5.ª Companhia Indígena de Infantaria de Moçambique, procedente de Lourenço Marques, e a banda de música da 1.ª Companhia Indígena de Infantaria, de Angola, procedente de Luanda.

Trata-se dum núcleo escolhido de tropa negra portuguesa, que vem representar o nosso Exército colonial na Exposição.

A propósito, recordamos de *O Século*, ao noticiar a chegada dos soldados africanos, os seguintes períodos:

«Hoje, os landins constituem o escol das nossas tropas coloniais. Da companhia, destaca-se, pela sua acção na guerra contra os alemães, o 1.º cabo Clero, possuidor da *fourragère*, do Valor Militar. A tropa negra, sempre rodeada por muito povo que, de quando em vez, a aplaudia, com vivo entusiasmo, desfilou pelas ruas da cidade, até o Depósito Militar Colonial, onde ficou aquartelada, a fim-de tomar parte na parada do dia 27, depois do que seguirá para o Pórtio, onde há-de figurar na Exposição Colonial.

Causou sensação, o facto dos soldados negros se fazerem acompanhar por um pequeno de 8 anos — a sua *mascoite* — que, fardado e de vermelho *cofidô* na cabeça, marcha na reatguarda, com aprumo irrepreensível.»

Do *Diário de Notícias* reproduzimos, também, as seguintes palavras:

Foi em 1910, nas operações de Angoche, que se iniciou a entrada em acções guerreiras da referida companhia.

Depois, em 1912, tomou parte nas operações ao Napaua, contra o Cobula (Angoche).

Em 1913, bateram-se contra os Namarais cinquenta soldados da Companhia, e, em 1914, tomaram parte nas campanhas do Sul de Angola perto de trezentas praças, com um tenente, um segundo sargento, um primeiro cabo e quatro corneteiros.

O seu procedimento nos combates de 18, 19 e 20 de Agosto de 1915 salientou-se de tal forma que foi condecorada com a Cruz de Guerra de 1.ª classe pelo inextinguível valor, energia, decisão e espírito de sacrifício que demonstrou nesses combates.

E destacados várias vezes para Macau, S. Tomé e Timór, sempre se portaram, os soldados da 5.ª Companhia I. I. de Moçambique, de maneira a serem louvados nos termos mais elogiosos.

Na grande parada militar de 27 do mês pretérito, em Lis.-oa, a tropa negra figurou, brilhantemente, entusiasmando a multidão numerosíssima que assistiu à formatura e ao desfile.

Os landins, aprumados, marcharam com um rigor e uma perfeição que as tropas metropolitanas não exceedem.

Por seu turno, a banda de música de Luanda, envagando uniforme semelhante ao dos soldados negros de Moçambique, com o *cofidô* vermelho a destacar-se, berrantemente, no conjunto, exibiu-se, também, de molde a entusiasmar o público que saiu, empolgado, a passagem da nossa tropa da África.

Cabo Verde na Exposição Colonial

Quando no Ultramar Português apareceu gizada a ideia da I Exposição Colonial Portuguesa, cuja inauguração está definitivamente fixada para o próximo dia 16 de Junho, sentiu-se ali radicar o entusiasmo pela iniciativa arrojada e meritória. Finalmente, na Metrópole ia ser prestada a sanção, inteira de justiça e aplauso, à realização de sacrifício — que é a Obra dos Portugueses nas Colónias.

Em Cabo Verde, a esse veemente entusiasmo aliou-se uma nítida compreensão oficial da necessidade de, pela Exposição Colonial, a Colónia exteriorizar e vincar bem o sentido presente dos seus problemas.

No conjunto das parcelas que formam o Império, o Arquipélago Hesperitano refere aspectos singulares que só encontram certo paralelismo na afastada Índia, apresentando, contudo, em relação a esta, um completo cunho de realização lusiada.

A representação da Colónia, enquadrada adentro da orgânica directiva da Exposição Colonial, dispôs no certame a constatação dos factores característicos da vida do arquipélago:

— que Cabo Verde refere a melhor vitória de colonização — ali portugueses criaram portugueses, povoando, educando e associando —; para a escabrosidade desértica que se distendia pelas ilhas, elevamos importantes núcleos populacionais que assimilando a nossa cultura e sentimentalidade, conquistaram bem o direito de Portugueses, — de que se ufanam e que tem honrado;

— que o arquipélago reúne em si condições geográficas de maior valia. *Base naval do triângulo estratégico do Atlântico*, éle constitui de facto a melhor posição daqueles mares, com seus postos centrais de escala para a navegação marítima e aérea entre a Europa, América e África do Sul;

— que os portugueses de Cabo Verde referem hoje um nível de cultura que muito honra o país, ao qual tem oferecido destacantes valores. Como nota de realce deve dizer-se que o índice do analfabetismo das últimas estatísticas apresenta a população nativa com uma percentagem apreciavelmente inferior à da metrópole;

— que a panorâmica da Colónia é a mais surpreendente, embora a aridez que as suas costas apresentam — o que aliás é uma nota quasi geral de todo o litoral africano, já constatada até por Lopes de Lima — impressione aqueles que apenas percorrem os seus portos de escala e só observam os contornos abrutados das respectivas ilhas.

Mas se toda esta indicação refere a Colónia útilmente adentro do quadro do Mundo Português, o Governo da Colónia, atentando no sacrifício feito em custear uma representação de certo contingente, especialmente cuidado de marcar com ela a nota do momento: a da efectivação do seu apetrechamento económico, cujas obras mais custosas vão ser iniciadas com a recente operação de crédito autorizada.

A lenda da imprudência do arquipélago tem de ser totalmente desfeita pela exposição dos produtos que os Serviços Officiais de Cabo Verde classificaram e organizaram.

Das possibilidades da produção e da organização económica-comercial que aquela exige e que está sendo operada, vem documentário bastante.

Perante o reflexo da crise mundial e as condições especiais da balança de pagamentos externos, o Governo da Colónia sentiu um sistema que vinha suportando a vida da Colónia e viu a fatalidade social dum caótica repressão do país.

Dentro das fórmulas modernas da condução económica o Governo da Colónia estabeleceu um plano de valorização que iniciou já. Cuidou éle da assistência técnica, da realização de importantes obras de hidráulica agrícola, do estabelecimento de crédito, da organização dos produtores e do estudo dos mercados externos.

E' especialmente de objectivos económicos o sentido predominante da representação de Cabo Verde na I Exposição Colonial Portuguesa.

A surgir com êxito a idealização feita, este arrojado certame bem pode dizer-se que refere a *descoberta económica de Cabo Verde*.

MACHADO SALDANHA,

Representante do Governo da Colónia de Cabo Verde junto da I Exposição Colonial Portuguesa.

A companhia de infantaria indígena de Moçambique (Landins) e a banda de música da companhia de infantaria indígena de Angola, que se encontram em Lisboa, vão, no dia 1 de Junho, hoje, portanto, assistir e tomar parte em exercícios militares que se efectuam em Mafra, devendo chegar ao Pórtio no próximo dia 3, aquartelando-se em Metralhadoras n.º 3.

COM o interesse progressivo que, de ano para ano, vem merecendo a iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa, realizou-se, este ano, em todo o País, a *Semana das Colónias*.

A sessão inaugural, que se realizou, em 19 do mês pretérito, na sede daquele notável organismo e era dedicada à mocidade escolar, presidiu o ilustre sub-secretário de Estado das Colónias, sr. dr. Francisco Vieira Machado, secretariado pelos srs. conde de Penha Garcia, capitão Afonso dos Santos, comandante Alvaro Machado e coronel Lopes Galvão, respectivamente presidente e membros da Direcção da Sociedade de Geografia.

A *Sala Algarve*, onde se verificou a brilhante solenidade, estava repleta de público, vendo-se, ali, representantes das mais importantes instituições da capital. Os organismos da educação profissional da infância, os liceus e os outros estabelecimentos de ensino estavam, também, largamente representados antes dos discursos, dos srs. conde de Penha Garcia, capitão Afonso dos Santos, foi descerado o busto do falecido simirante Ernesto de Vasconcelos, que foi secretário perpétuo da Sociedade de Geografia, por um neto do ilustre português e eminente colonialista.

Nos dias seguintes, em quasi todos os estabelecimentos de ensino oficial do País, realizaram-se, por distintos professores, palestras de propaganda colonial, que foram escutadas por milhares de estudantes.

O *Dia do Exército*, integrado na *Semana das Colónias*, foi, também, celebrado, em 21 do mês pretérito, em todas as unidades militares do País, tendo havido, no Pórtio, alocações interessantes, por distintos oficiais da guarnição, nos quartéis de Infantaria 18, de Cavalaria 9, de Metralhadoras 3, do 1.º Grupo do Regimento de Telegrafistas, de Artilharia 5, da Guarda Nacional Republicana, de Sapadores Mineiros, da Guarda Fiscal, e da Companhia de Saúde.

ULTRAMAR, não podendo, pela falta de espaço com que lutamos e que nos força a retirar, em todos os números, copioso original, consagrar à *Semana das Colónias* as referências desenvolvidas que o patriótico evento amplamente justificava, quer, entretanto, salientar o belo significado nesta iniciativa da Sociedade de Geografia que tão bem se coaduna, de resto, com os objectivos da I Exposição Colonial Portuguesa.

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

ULTRAMAR

dedica o seu próximo número à abertura da Exposição

A cidade do Pôrto vista na América

O boletim de Notícias Geográficas, que se edita em Washington, sob a égide da «Sociedade Nacional de Geografia», publicou um elogioso artigo referente ao Pôrto, a propósito da Exposição Colonial, a inaugurar a 16 do corrente. Transcrevemos estes períodos:

«Como se sabe, é Portugal o mais antigo país colonizador da Europa, ocupando ainda hoje o terceiro lugar no mapa dos domínios coloniais. Apenas a Inglaterra e a França o excedem em território de colonização. Para chamar a atenção dos recursos e desenvolvimento das 936.264 milhas quadradas das colónias portuguesas da África e Ásia, vai abrir-se uma Exposição Colonial, na cidade do Pôrto, de Junho até Setembro do corrente ano.

E' o Pôrto a segunda cidade portuguesa, em população e importância, porventura a mais conhecida cidade portuguesa, no estrangeiro, devido ao seu famoso Vinho do Pôrto, uma das principais exportações do país.

Fica situado junto da foz do rio Douro, escalonando-se a cidade, airosoamente, por toda uma encosta, que se vai mirando, nas águas claras do rio.

No lado oposto está edificada Vila Nova de Gaia, onde se encontram os grandes depósitos de Vinho do Pôrto.»

Descreve, depois, os costumes e pitoresco da cidade do Pôrto e conclui do seguinte modo:

«Aparatosas montras, na cidade, repletas de filigranas fabricadas, no Pôrto e nos arredores, atraem a atenção dos forasteiros. O mais belo exemplar de trabalhos em prata pode admirar-se numa capela da velha catedral, onde o altar, o tabernáculo, banqueta e seus ornamentos são inteiramente de prata, trabalho secular de artistas portugueses. As paredes interiores da estação do caminho de ferro estão revestidas de pinturas históricas, em azul, de grande interesse. Para se seguir e entender o significado destas pinturas, é necessário saber os acontecimentos da história da cidade, desde os romanos e visigodos, até o reinado de D. João I, casado com a formosa Filipa de Lancastre, filha de João de Gaunt. Uma aliança bem demonstrada durante a Grande Guerra tem perdurado, desde então, entre Portugal e a Inglaterra. Entre os cinco filhos nascidos de João e Filipa conta-se o Príncipe chamado Henrique, o Navegador. Cristóvão Colombo estudou a navegação no Pôrto, antes da sua ida para a Espanha. As vinhas que produzem as uvas do vinho do Pôrto crescem perto da cidade, a cerca de 60 milhas, no vale do Douro. Os barcos à vela, que transportam os barris de vinho, rio abaixo, para os depósitos de Vila Nova de Gaia, são de fundo chato, para com pouca água passar e rodar os bancos de areia. São muito pitorescos nas suas formas, que fazem recordar, vagamente, o tipo dos fenícios. Além das carreiras de vinho, no baixo Douro, há ainda barcos com graciosas velas latinas, uma herança dos árabes; há também barcos estreitos, altos na proa,

O COMBATE DE NAGUEMA

E A TOMADA DE IBRAHIMO, NA CAMPANHA DOS NAMARRAIS

«Excerto da brilhante e patriótica palestra de propaganda colonial realizada em 9 de Março findo no Pôrto pelo sr. Conde de Vilas-Boas, brioso oficial da Armada e antigo Combatente das Campanhas de Africa.»

II

(Conclusão)

«Marchas muito pequenas por causa da espessura do mato, que era preciso romper a machado, e que demoravam eternidades, sob um sol abrasador, e com pouca e má água para matar a sede.

Em 9 de Março, faz hoje 32 anos, estávamos já perto da povoação, segundo diziam os guias. O meu pelotão recebeu ordem para fazer um reconhecimento, logo a seguir, precedendo a marcha da Coluna, e ao mesmo tempo ir abrindo caminho para mais tarde poder passar a artilharia e o combóio. Dirigia o reconhecimento o nosso Comandante João Coutinho, e iam conosco os auxiliares e a 1.ª Companhia de Guerra Indígena (Landins).

Depois de atravessarmos grandes campos de milho e vários ribeiros, chegámos a um terreno coberto de arvoredos muito fechado. Ao longe avistamos uma palhota, no meio de uma plantação de mandioca, e nesse momento rompeu violento o fogo dos Namarrais que, por causa do fechado do mato, não se via donde vinha. Respondeámos, um pouco ao acaso, por descargas para manter o fogo disciplinado e poupar as munições, para os pontos onde se supunha estar escondido no mato o inimigo; porque, ver, não se via nenhum Namarral, como em Naguema, ouviam-se os tiros, e sentiam-se passar as balas; algumas grossas balas de chumbo, redondas, muitas de espingardas modernas de repetição, balas «dam dum» dos caçadores de elefantes, e até zagalotes.

Fomos avançando sempre, com pequenos altos para descansar, porque o calor era sufocante; nos nossos flancos os Landins e os auxiliares indígenas de Gomes da Costa, avançavam e faziam fogo também.

Na orla de um campo de amendoim, planta rasteira, fizemos alto e estendemos em atradores; viam-se finalmente os Namarrais!

Começou então um tiroteio cujos efeitos do outro lado já se podiam apreciar: os Marinheiros, de joelhos, apontavam cuidadosamente; diante de nós o terreno descia em rampa rápida, em cujo fundo, que não se via, devia correr um ribeiro, depois tornava a subir em talude íngreme, vestido de denso arvoredos, e na crista desse talude, mais alta que a nossa posição, a uns duzentos metros de nós, os Namarrais abrigavam-se com o arvoredos e o mato, faziam fogo. Mas já se viam os tiros, e de vez em quando os corpos negros, o que servia para regular as pontarias.

Passado algum tempo o fogo do inimigo foi diminuindo de intensidade e, por fim parou. Os nossos auxiliares começaram então em uma gritaria medonha de insultos e de improperios, a que do lado de lá respondiam com igual gritaria, que devia ser de desafio e de ameaças, porque os nossos estavam cada vez mais entrecorridos.

Nesta altura começou a chegar o resto da Coluna, e quasi ao mesmo tempo a 1.ª Companhia de Guerra Indígena, estabelecida no nosso flanco direito, vendo avançar o inimigo, que pelo visto tentava um ataque por aquele flanco, à zagaia, rompeu fogo vivo que o conteve.

O Governador Geral, Mousinho de Albuquerque, que tinha neste meio tempo chegado, a cavalo, com o Estado Maior, de que era Chefe o então Capitão do Corpo de Estado Maior Aires de Ornelas, outro valente que todos aqui conhecem muito bem, depois de examinar com o binóculo o terreno do combate, chamou pelo nosso Comandante e deu-lhe umas ordens, enquanto um dos ajudantes as ia levar à 1.ª Companhia de Guerra Indígena e aos Auxiliares.

como as antigas galés gregas. Podia escrever-se um livro e interessantíssimo acerca de usos e costumes tão singulares e curiosos, que se podem observar nas águas portuguesas.»

O nosso Comandante mandou então cessar fogo e armar baionetas.

O que aquela ordem queria dizer sabiam-lo todos muito bem, e desde que o Comandante João Coutinho e os oficiais passaram para a frente do pelotão, os Marinheiros, excitadíssimos, estavam difíceis de conter. Ele avançou uns passos, sereno no meio de um fogo que lhe era especialmente dirigido, e apontando com a espada para o inimigo, voltou-se para nós e gritou: Marinheiros! Avançar! e largou a correr pela ribancera abaixo.

Aquela voz de Comando, que não vinha precisamente no Regulamento, atirando-nos todos atrás dele em uma carreira louca. Os Marinheiros daquele tempo, que no Quartel, nas Revistas e nas Paradas, manobravam às vozes do comando com uma precisão e um apuro que despertavam emulação até em velhos soldados da Guarda Municipal, no mar debaixo de tempo, e já agora no mato debaixo de fogo, adaptavam uma disciplina especial, «sui generis», feita essencialmente de dedicação pelos seus oficiais, e de vontade de não ficarem atrás a ninguém, e as vozes de comando nem sempre eram as que vinham escritas nos Regulamentos; nas grandes ocasiões substituíam-se uma espécie de caão de bordo, muito do agrado deles, e que todos entendíamos perfeitamente.

Assim, quando João Coutinho gritou «Avançar!» aquilo só visto.

Foi como uma onda que de repente desceu pelo talude, atravessou o rio, e trepou pela encosta em frente.

Contaram-me depois os camaradas que ficaram do lado de cá que tinha sido um espectáculo surpreendente quando nos viram surgir de entre o mato na crista oposta, correndo sempre, oficiais à frente, carregando sobre o inimigo.

O tempo que aquilo durou não sei. O que sei é que quando a 1.ª Companhia de Guerra de valentes Landins, e os Auxiliares indígenas que tinham recebido a ordem de carregar ao mesmo tempo que nós, chegaram à povoação do Ibrahimo, a paliçada que a defensão estava em terra, a povoação ardia por vários lados, os poucos Namarrais que tinham escapado vivos tinham-se evaporado, e no largo principal, o 1.º Pelotão de Marinheiros, com os uniformes esfarrapados pelo mato, cheios de lama e algodões em suor, e alguns em sangue, e de telhas abertas, apresentava armas à Bandeira, a nossa linda Bandeira Azul e Branca, que um grumete sinaleiro içava em um mastro improvisado, em quanto o corretoeiro de ordens do Comandante, com as veias do pescoço inchadas a estalarem, e os olhos a saltarem pela cara fora, tocava a marcha de continência em um compasso um tanto esquisito, mas que nos fazia vibrar de orgulho todas as fibras do coração. Estava vingado o desastre da Mogenga!

Elogiados outra vez na Ordem desse dia, quando tivemos ocasião de ler depois no relatório do combate que Mousinho de Albuquerque escrevera: «A-pesar da densidade do mato, o primeiro pelotão de Marinheiros, admiravelmente impulsionado pelos seus oficiais, chegou ao contacto com o inimigo dez minutos antes dos Landins» os Guardas Marinheiros sentimos que nos tinham caído as penas, e que já podíamos andar de bico levantado!

Naquelas terras onde há 32 anos tivemos de abrir caminho a machado e à ponta de baioneta, anda-se hoje confortavelmente de automóvel com toda a segurança, em estradas melhores que as dos arredores do Pôrto.

Este excelente artigo de propaganda do Pôrto, causou a melhor impressão nos meios americanos, sendo de esperar a vinda de muitos turistas à Exposição Colonial.

Passou já a época das guerras coloniais: não passaram, porém, de todo os perigos que ameaçam as nossas Províncias Ultramarinas. Estão sempre acexas as cubiças que elas despertam.

E outras campanhas são precisas, que, por não serem como as de então, nem por isso exigem menos coragem, menos energia, menos espírito de sacrifício, menos dedicação e menos patriotismo, para impor o respeito pelos nossos direitos e conservar para Portugal o que tanto sangue Português custou a conquistar, e a defender, e que é a mais sólida garantia da independência Nacional, — o Império Colonial Português.

E' preciso, é indispensável que o Povo Português se convença disto e que todos nós, Portugueses acima de tudo, saibamos neste grave momento da nossa História cumprir com o nosso dever, como cumpriram os que nos precederam.

Aberto e desbravado o caminho pelos Descobridores, pelos Missionários, e pelos Soldados, são agora os Agricultores, os Industriais, os Comerciantes, e sempre os Missionários, quem tem nas mãos a continuação da grande obra da nossa Raça. E' deles sobretudo, do seu Patriotismo, da sua Fé, da sua Dedicacão, da sua Energia, da sua Competência, que depende hoje em dia a conservação do nosso Império Colonial.

Saibam eles cumprir a sua alta missão como no nosso tempo nós, os Soldados, cumprimos a nossa, e não terão corrido menos que nós para o engrandecimento da Pátria, nem menos que nós merecido a gratidão e o respeito da Nação.»

CONDE DE VILAS-BOAS.

As missões religiosas em Angola

Quando se fala na época das Descobertas e Conquistas, não se pode deixar esquecer a religião, a fé, catequese e conversão de idólatras, índios e gentios. E os nomes de S. Francisco Xavier, padre António Vieira, Las Casas e os Jesuítas no país das Missões, nesse Paraguai, depois uma das mais guerreiras e valentes nações da América do Sul.

Em Angola, nos tempos passados, após-tolo algum se evidenciou, deixou nome como santo ou mártir. Estes deviam vir quasi nos nossos dias, com missionários como D. António Barroso, Leconte, Antunes, Kéling, Bonnafoux, e esse simpático Dr. Alves da Cunha, que toda a Angola respeita e presta homenagem.

Com Paulo Dias de Novais vieram alguns Jesuítas que se fixaram, e Pregadores da Ordem de S. Domingos, que não se estabeleceram e regressaram a Portugal. E' fora de dúvida que os primeiros prestaram serviços à religião, principalmente no reino do Congo, sendo além disso excelentes historiadores.

Mais tarde, vieram Carmelitas Descalços, Franciscanos da Ordem Terceira e Missionários Italianos, que se estabeleceram e exerceram a sua acção até ao advento do constitucionalismo. Como na Metrópole, as ordens religiosas foram extintas e os seus componentes expulsos do território angolano.

Em Luanda, foram os conventos aproveitados para repartições públicas. Em Benguela, um recolhimento que havia, com a igreja cujo orago era Santo António, pouco depois caiu em ruínas, sendo aproveitado o terreno para ruas e para o actual jardim público. Como a penetração para o interior era insignificante, é natural que os conventos não transdissem do litoral.

Talvez houvesse alguma em Massangano, a mais antiga igreja e histórica vila de Angola. Em Caconda, estiveram os Jesuítas, de cuja igreja foi para Benguela um altar com capa de prata, que ainda hoje se pode apreciar na igreja matriz daquela cidade.

Não podiam os colonos dos tempos idos, passar sem os confortos da religião. Muitos deles andavam no tráfico da escravatura, cumpriram pouco beneficentemente os seus deveres de cristão por esses sertões fora; mas religiosos e católicos militantes eram, e até mais não poder ser. Não faltavam às várias festas de igreja que se realizavam durante o ano, procissões, missas, Te-Deums, etc. Muitas vezes, nas vilas e até cidades, não havia cirurgião; mas pároco, é que nunca faltava. Lá lhes parecia que era preferível o cura das almas, ao médico do corpo.

Em Dezembro de 1836, houve um grande alvoroço em Benguela.

Deu causa a esse acontecimento, o ficar a cidade sem vigário, o que levou os habi-

INFORMAÇÃO DA QUINZENA

Relíquias históricas e preciosidades coloniais na Exposição

A. Pôrto, de Geografia vai enviar para a Pôrto, com destino à Exposição Colonial, uma vitrine com exemplares da sua riquíssima coleção de marfins e outra com a famosa espada de duas mãos, que pertenceu a Vasco da Gama, cedida pelo Museu Militar.

Entre as várias relíquias de antigos capitães e navegadores portugueses dos séculos XV e XVI, que vão figurar na Exposição contam-se, também, dois capacetes e duas espadas que pertenceram a D. João I e D. João II, cedidos pelo Museu de Artilharia.

Congresso da Imprensa Colonial

A Comissão Executiva do Congresso da Imprensa Colonial ficou constituída pelas direcções dos seguintes jornais e revistas: *Boletim da Agência Geral das Colónias, Portugal Colonial, O Mundo Português, ULTRAMAR e Jornal do Comércio e Colónias* e dr. Alberto Pinheiro Tôrres, secretário-geral.

Representação das Missões

Esteve, há dias, no Palácio das Colónias, o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, director geral das Missões Religiosas. O illustre prelado, que se tem avistado com os directores da Exposição Colonial, visitou as obras do stand das Missões, que funcionara junto da antiga capela de Carlos Alberto.

Parada de antigos combatentes coloniais

No próximo mês de Julho deve realizar-se, no recinto da Exposição, uma parada dos antigos combatentes das campanhas do Ultramar.

Todos os que se bateram no Ultramar, oficiais, sargentos e praças de pré, estejam ou não, actualmente, ao serviço e que queiram tomar parte nessa parada patriótica, devem inscrever-se na Secretaria da Exposição, indicando as suas direcções, para serem avisados do dia e hora em que devem apresentar-se.

Nessa parada devem tomar parte, entre outras figuras de destaque, João de Azevedo Coutinho, Vieira da Rocha, Afonso de Cerqueira, etc.

Na impossibilidade de se responder, pessoalmente, a todas as cartas e bilhetes postais recebidos de antigos combatentes do Ultramar que desejam tomar parte na parada, torna-se público, por esta forma:

1.) que todos os antigos combatentes do Ultramar que se tem dirigido ou se dirigirem ao signatário com o fim de se inscreverem para a parada ficam imediatamente inscritos;

2.) poderão incorporar-se na parada, à paisana, o que não tiverem uniformes, ostentando sobre o traje civil as suas medalhas ou condecorações;

3.) aos possuidores de gran-cruzes pede-se que venham de casaca ou farda;

4.) está designado o dia 21 de Julho próximo para a realização da parada.

5.) oportunamente serão publicadas na Imprensa a hora e local de concentração dos antigos combatentes do Ultramar e quaisquer indicações que sejam consideradas necessárias.

"Viagem Maravilhosa"

E' o título da fantasia-mágica que vai representar-se no Teatro da Exposição, do Palácio de Cristal, do Pôrto, durante a realização da Exposição Colonial. Não se trata de uma revista, no sentido teatral do termo, mas de uma peça da exaltação em que a nossa epopeia colonial será locada expressivamente, na viagem de dois peregrinos simbólicos, através dos nossos domínios ultramarinos. Amélia Rey Colaço, cujo bom gosto é um dogma, no ambiente teatral, cem vezes provado na montagem das suas peças, vai dirigir, superiormente, a parte visual da "Viagem Maravilhosa", que os escritores Pereira Coelho e Matos Sequeira estão escrevendo, e para a qual o nosso prezado camarada Hugo Rocha contribuirá com o seu estro e o seu conhecimento da poesia colonial, autor como é de um dos mais lindos livros que se tem escrito sobre a nossa moderna epopeia de colonizadores. E' por essa direcção, que é uma garantia, que Amorim e Herold, dois grandes artistas, desenharam os figurinos e apontaram as maquetes dos cenários, e que Armando

Rodrigues e Júlio Almada escreverão música. Da companhia do Nacional, destacar-se-ão, para o grupo de artistas que vai interpretar a "Viagem Maravilhosa", além de Amélia Rey Colaço, Maria Clementina e Maria Lalande, e Raul de Carvalho, João Vilaret e Alvaro Benamor, contando-se também, com a colaboração valiosíssima de Estêvão Amarante, o grande actor cómico, o notável artista de composição, a quem pertencem tantas criações populares.

A mágica-fantasia, escrita em ar de conto infantil, vai, pois, ser um dos atractivos mais interessantes da Exposição Colonial, que, sob a direcção de Henrique Galvão, deverá constituir o grande acontecimento festivo e cultural deste verão de 1934.

Conferências históricas

Durante a Exposição será realizada uma série de conferências sobre *A História da actividade colonial portuguesa* com os temas: *Questões actuais e A junção colonial de Portugal, razão de ser da nacionalidade e sobre O problema colonial português*, de que serão focados os aspectos social, político e administrativo, científico, além de ocupação científica das colónias, o que há feito e o que é preciso fazer.

Representação desportiva de Angola

Sabe-se que os clubes desportivos de Angola iniciaram torneios de preparação, para apuramento do grupo representativo a enviar à Exposição.

Mapa luminoso das viagens terrestres dos portugueses

A Sociedade de Geografia enviou, para o Pôrto o grande mapa luminoso das viagens terrestres dos portugueses através do Mundo, que se destina, como dissemos, à Exposição.

Propaganda da Exposição nos carros eléctricos

No desejo de que uma intensa propaganda se faça em prol da Exposição Colonial, a Associação dos Comerciantes do Pôrto tem continuado a procurar interessar nessa propaganda muitas entidades que a podem e devem auxiliar.

Ultimamente, recebeu este organismo a mais franca e entusiástica adesão da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, à qual foram enviados cartazes em cartolina, envernizados, em tamanho especial, para serem afixados em todos os carros eléctricos da capital.

Igualmente, das Câmaras Municipais de Coimbra e Braga, por intermédio dos respectivos Serviços Municipalizados, recebeu a mesma associação o mais decidido apoio, anuindo, da melhor vontade, aos desejos expressos no sentido de que sejam colocados cartazes de propaganda em todos os carros eléctricos das duas cidades.

"Luna-Parque"

Como nos certames de grande categoria realizados no Estrangeiro, a Exposição vai ter, como já se disse, o seu Luna-Parque, que reunirá, dentro do espaço disponível, um conjunto de atractivos de abso-

luta novidade que ainda não foram vistos no Pôrto.

O concessionário dessas atracções fechou contrato com um dos maiores empresários do género e vai montar, no recinto da Exposição, uma montanha russa, barcos da electricidade, sobre a água, um trem fantasma, um Palácio do Riso e outro de eufóhies onde trabalham dois arrojados motociclistas australianos.

Para a montagem desses divertimentos, cujo aluguer e funcionamento eléctrico importam em elevada soma, é suficiente o prazo de dez dias, antes da inauguração do certame, motivo por que, ainda, o respectivo material não chegou ao Pôrto.

Visitas do "régulo" Mamadu-Sissé

Mamadú-Sissé, acompanhado pelos seus dois filhos e pelos representantes de Timor, visitou, há dias, o Regimento de Infantaria 18 e a Companhia de Saúde, sendo recebido ali, pelos respectivos comandantes. Em Infantaria 18, foi-lhe oferecido um Pôrto de Honra, o que motivou entusiásticos brindes.

Na Companhia de Saúde foi lida pelo comandante, sr. tenente-coronel António Maria, uma *ordem*, de há 20 anos, que faz nos relevantes serviços prestados ao Exército por Mamadu-Sissé.

Trocaram-se saudações. Os visitantes espalharão-se, depois, pela cidade, sendo acompanhados pelos srs. Moura Coutinho, encarregado dos indígenas na Exposição, e Agostinho Ricou Peres.

Apêlo ao comércio portuense

A pedido do director-técnico da Exposição, os jornais diários publicaram, há dias, a seguinte nota:

«Inaugura-se no dia 16 de Junho a I Exposição Colonial Portuguesa. Não é uma festa do Pôrto porque é um acontecimento nacional; mas, o facto de se realizar nesta cidade, tradicionalmente hospitaleira e riquíssima de carácter, é um factor de valorização que o director da Exposição não pode esquecer. E' de prever uma extraordinária afluência de forasteiros, nacionais e estrangeiros. Com a sua vinda beneficiarão a cidade, o seu comércio, as suas indústrias e, até, o seu bom nome. E, sendo de desejar que todos os visitantes do Pôrto encontrem, não só a melhor recepção como, também, fortes motivos para serem propagandistas das belezas, do pitoresco, da galharda hospitalidade dos portuenses, o director da Exposição apela para todos os comerciantes do Pôrto no sentido de se juntarem e, de comum acordo, decorarem as ruas em que estão estabelecidos e as montras dos seus estabelecimentos.

Igual pedido foi feito à Câmara Municipal.

"Livro de Ouro" da Exposição

O habilíssimo encadernador portuense sr. Manuel Ribeiro de Araújo, querendo associar-se ao bribo do certame, acaba de entregar ao director da Exposição um *Livro de Ouro*, para nele serem arquivadas as assinaturas das personalidades de maior evidência que visitaram a Exposição.

O *Livro de Ouro* é um formoso trabalho em pergaminho, couro e ouro, montado num primoroso estylo com a Cruz de Cristo e a esfera armilar ao centro. Todo o acabamento dessa notável obra de encadernação afirma, no seu realizador, um invulgar temperamento de artista.

E', de facto, uma certa de muito apêlo.

(Continua na 6.ª página).



Grande Colégio da Boavista

Rua da Boavista, 112

PORTO

Telephone 4068

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO. CURSOS: INFANTIL, PRIMARIO, SECUNDARIO E COMERCIAL. MUSICA

Um Concurso Internacional de Tiro

O concurso de tiro internacional, que sob o patrocínio da Direcção da I Exposição Colonial Portuguesa, se realiza no próximo mês de Agosto, promete sob todos os pontos de vista, ser um dos motivos fortes e propaganda e atractivo da mesma Exposição.

Organizado especialmente como motivo de propaganda do nosso Império Colonial, para ele foram convidados especial e unicamente, as nações do continente europeu, que, como a nossa, tem valores e inclínnes de diversa ordem, estendidos pelo mundo fora, até aos pontos mais distantes do globo.

A sua organização, confiada à direcção da Sociedade de Tiro n.º 43, que trabalha em contacto permanente com a Direcção da Exposição, está sendo tratada com o mais rigoroso cuidado, de maneira a que os concorrentes estrangeiros que nos visitam, não possam acusar deficiências.

As provas Internacionais, serão disputadas na Carreira de Tiro da Serra do Pilar, que está devidamente apetrechada para tal efeito, e na qual ainda deverão ser feitas pequenas adaptações, que estão em estudo e devem concluir-se dentro de breves dias.

As equipas das nações concorrentes, são compostas por oito atiradores, sendo quatro com carabinas de precisão e quatro com pistolas de precisão, na distância e alvos internacionais.

As equipas para cada arma são distintas, podendo cada nação concorrente, inscrever-se em ambas, ou só em uma das provas.

O programa, completo, devidamente aprovado pela Direcção da Arma de Infantaria, e Federação do Tiro Nacional Português, está já impresso, e vai seguir por intermédio da Federação Internacional do Tiro, às respectivas Federações de cada país convidado, e que são: Inglaterra, França, Itália, Bélgica, Dinamarca, Espanha e Holanda, sendo de prever que a maioria destes países se inscrevam.

A Federação Nacional do Tiro, iniciou já as provas de preparação e selecção dos atiradores, que devem representar Portugal nestas importantes provas, no patriótico intuito de conseguir uma representação honrosa.

No próximo número, daremos informes mais detalhados acerca do programa geral, bastando dizer por agora, que, de entre outras, se disputarão as seguintes provas, que tem como prémio principal, troféus artísticos e valiosos: Prova *Coolata*, com Pistola Livre, a 50 metros; Prova *Chamite*, com carabina livre a 50 metros, posição de pé; Prova *Dembo*, com carabina livre, a 50 metros, posição de deitado; Prova *Mouga*, carabina livre, a 50 metros, posição de joelhos; Prova *Império Colonial Português*, com pistola olímpica, de repetição a 25 metros; Prova de *Caça*, com arma de guerra, sobre alvo móvel, e prova *Tropa Negra*, com armas de guerra, reservada aos soldados das Companhias Coloniais. Estas duas últimas, são realizadas na Carreira de Tiro de Espinho.

MOISÉS CARDOSO.

A-PROÓSITO DOS INDÍGENAS DE TIMOR

Um dos objectivos da Exposição

é o de dar aos nativos das Colónias portuguesas uma noção mais justa da grandeza de Portugal

A chegada dos indígenas de Timor, embaixada parda que nos manda a mais longínqua Colónia de Portugal, adensou, naturalmente, o ambiente de exotismo no recinto da Exposição, ainda em obras.

Os nove timorenses, cinco homens e quatro mulheres, civilizados todos, não são quatro indígenas vulgares. Dois deles, o coronel de segunda linha D. Aleixo César Córte-Real e o tenente-coronel de segunda linha Carlos Ximenes da Costa, são dois legítimos heróis portugueses.

Antigos régulos na remota ilha da Oceânia, souberam defender e prestigiar a bandeira de Portugal, dominando régulos rebeldes e poderosos. Recomendando-os e honrando-os o Governo arreigou no coração dos dois velhos guerreiros o sentimento dos portugueses exaltado.

Adriano Córte-Real, filho do primeiro, rapaz simpático que fala, admiravelmente, o português, disse-me, quando lhe falei, no Pórtico: *Em Timor fala-se muito de Portugal, muito!* E acrescentou, quando lhe perguntei se era o povo que se interessava, assim, pela Metrópole distante: *Sim, o povo! Todos gostam muito da nossa Mãe-Pátria!*

Nessa hora de conversa, porque o tema era daqueles que interessavam, directamente, à minha qualidade de jornalista português, quis que o depoimento patriótico do moço Adriano fôsse confirmado. Podia haver exagero no seu entusiasmo nacionalista. Tratava-se dum timorense que bebeu na escola primária duma das missões religiosas portuguesas existentes na sua ilha, o leite do seu grande amor a Portugal.

Com o tenente-coronel Carlos Ximenes era, porém, muito diferente. Inimigo de outrora, a sua conversão ao patriotismo português era obra mais do raciocínio, da observação, da vida perto dos portugueses que da ternura infantil que abrasara o peito do jovem Adriano.

E, quando eu disse a este, sorrindo, que nem sempre os timorenses haviam amado Portugal, o que muito bem podia ser comprovado por seu pai e pelo tenente-coronel Carlos Ximenes da Costa, compreendendo a alusão, acudiu, do lado, no seu português crioulo:

Agora, são todos amigos! A guerra foi há muitos anos. Portugal é de todos!

Ao lado destes nove filhos de Timor, que se instalam no seu povoado típico, construído sobre a gruta, os sessenta e três pretos e pretas da Guiné fazem a vida do sertão. O Augusto, que representa, na Exposição, o muido de palmo e meio dos portugueses de outra raça e de outra cor, está popularizando a sua graça inocente, de dia para dia. O ambiente colonial, que é completo, sob o aspecto do exotismo genético, neste vasto departamento das representações etnográficas, vai criando, paralelamente, um ambiente português, nitidamente nosso.

Importa cultivar, sobretudo, este último. E que, se o ambiente colonial, propriamente dito, interessa, em primeiro lugar, à Exposição, cujos visitantes, *grosso modo*, não dispensam, o outro, o nacional, o português, respeita e interessa, directamente, à vida do Império.

Não se trata — como, judiciosamente, ouvi dizer, em Lisboa, quando os pretos da aldeia de Sam Corlé tingiam de cor exótica o Parque Eduardo VII — de deslumbrar os autóctones das nossas terras ultramarinas. Não se deve pretender que eles regressem às suas aldeias tropicais umbreadas pelo Sol da Exposição, que não é, positivamente, o Sol metropolitano de todos os dias...

Devem eles regressar aos seus sertões longínquos, às suas aldeias de traça primitiva, com a noção, o mais possível perfeita, da civilização portuguesa que se estadeia na Metrópole.

A sua curiosidade, a sua loquacidade, o seu instinto de descrição hão de completar a obra, farão o resto.

De aldeia para aldeia, de sertão para sertão, o progresso da Metrópole, a sua civilização, a sua grandeza fornecerão o leit-motiv dos *batuques*, das narrativas, dos longos remansos à porta das *cabatas*, do próprio trabalho cotidiano, a que foi, sempre, inmanente a cantiga e a conversa.

E Portugal ganhará, naturalmente, com isso. Tal propaganda ajudá-lo-á a prestigiar-se, nas terras em que a bandeira verde e vermelha se desfaldada.

Este prisma das vantagens da I Exposição Colonial Portuguesa, a quinze dias da abertura, merece ser olhado, por todos, com particular interesse.

Há Colónias — ninguém o ignora, com certeza — em que o portuguesismo dos habitantes nativos é mais acentuado. Outras em que o é menos. Numas, porque a dominação seja mais antiga, mais constante, mais prática, como, por exemplo, a Índia, tão vasculhada, outrora, pelos tesouros que exportava para a Coroa portuguesa — o sentimento português impera mais fortemente. Noutras, porque os interesses locais sejam mais propensos ao contacto com os estrangeiros ou porque a ocupação definitiva tenha uma data mais recente, tal sentimento não se evidência tanto.

Importa, pois, intensificar o portuguesismo daquelas, não o deixar, jamais, esmorecer, conservá-lo em pensamento e fecunda latência. E, a estas, é mister ligar a corrente de todos os potenciais do corpo e do espírito da Nação, para que a vibração patriótica se não extinga ou sofra, sequer, abateamento de gravidade.

A Exposição já tem indígenas da Guiné, de Timor, tropa nativa de Moçambique e de Angola. Breve, muito breve, outras embaixadas genéticas aqui chegarão.

Portugueses todos, todos membros dum Império que atesta, no presente, a grand-za homérica do Passado, a muitos, a quasi todos não passava pela mente o esplendor da civilização e do progresso metropolitanos, apenas entrevistados, talvez, nas suas terras de origem.

Que a todos eles, quer aos indígenas civilizados de Timor, de Cabo Verde, da Índia, de S. Tomé, de Macau, quer aos que deixaram o ambiente genético da Guiné, de Angola, de Moçambique, seja proporcionada uma ampla visão do que é a Mãe-Pátria, do que representa e vale e significa Portugal.

Este deve ser — e é, na verdade — um dos melhores, dos mais salutares, dos mais práticos objectivos da Exposição que, em 16 do corrente, abrirá, com solenidade, as portas grandiosas.

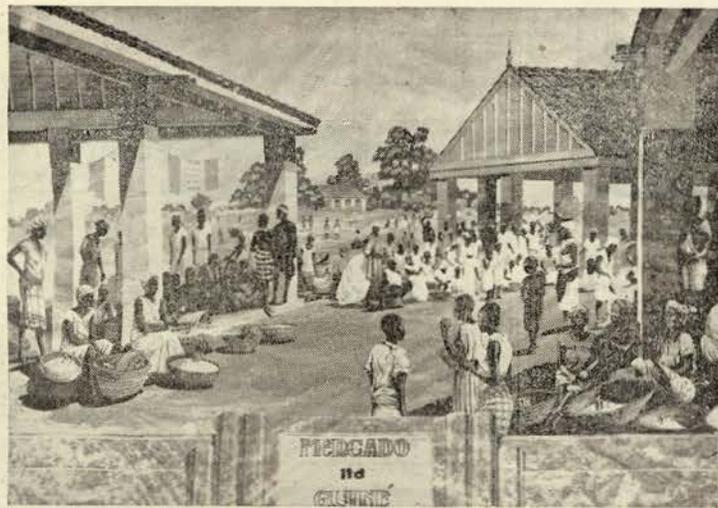
HUGO ROCHA.

“ULTRAMAR”

Número consagrado à abertura da Exposição

O próximo número do ULTRAMAR, coincidindo com a abertura solene da Exposição, vai ser consagrado a este grandioso e importante empreendimento.

Nesse número, que inserirá larga publicidade, colaboram, obsequiosamente, os senhores Presidentes da República e do Ministério, Ministro das Colónias, Sub-secretário de Estado das Colónias, membros do Ministério, conde de Penha Garcia, Brigadeiro Schiappa de Azevedo, Governador Civil do Pórtico, Bispo do Pórtico, dr. Alfredo de Magalhães, Henrique Galvão, general Alexandre Malheiro, D. Amélia Rey Colaço, D. Virgínia Vitorino, D. Aurora Jardim Aranha, Ministro da França, Manuel Caetano de Oliveira, Mimoso Moreira, D. João Evangelista de Lima Vidal, António Ferro, António de Oliveira Calem, eng. Xavier Esteves, António Domingues de Freitas, Raúl de Sousa Ferreira, conde de Vilas-Boas, António Eça de Queirós, Eduardo de Noronha, coronel Lopes Galvão, dr. Adriano Rodrigues, dr. Almeida Garrett, dr. Bento Carqueja, António Augusto Dias, Luís de Sá Cardoso, Eduardo Lopes, dr. Artur de Magalhães Basto, dr. António Barradas, capitão António Lebre, Octávio Sérgio, Maurício de Oliveira, general Adriano de Sá, Luís Teixeira, Hugo Rocha, Mário de Figueiredo, etc.



MERCADO DA GUINÉ

Um dos "panneaux" que guarnecem a Nave Central do Palácio das Colónias

A representação da Guiné na Exposição

A passagem, em Lisboa, dos indígenas daquela Colónia proveceu, também a maior curiosidade

Noticiando a chegada a Lisboa dos primeiros indígenas que veem figurar na Exposição Colonial, O Século relatava o que segue:

No vapor *Guiné*, da Companhia Colonial de Navegação, chegaram, ontem, a Lisboa, como havíamos anunciado, 63 indígenas dos dois sexos, da colónia do mesmo nome, pertencentes às raças bijagoz, balanta e fula, que, durante a Exposição Colonial, habitarão numa aldeia para eles propositadamente construída, na área dos jardins do Palácio de Cristal, do Pôrto. Comanda-os o célebre régulo Mamadu-Sissé, que muitas vezes tem secundado as tropas brancas na luta contra tribus rebeldes, pelo que foi galardoado com o posto de tenente de 2.ª linha, e que se faz acompanhar por uma das suas mulheres favoritas, e por seus filhos, os príncipes Abdulah e Malik-Sissé.

Os indígenas foram recebidos pelo sr. tenente-coronel Garcez de Lencastre, agente geral das Colónias, e por vários funcionários do mesmo organismo, e receberam, pouco depois da chegada, injeções de soro anti-pneumónico, a fim de ficarem imunizados contra as moléstias originadas pela mudança de temperaturas.

Além do régulo, que envergava uma solene «sabador-baraya», grande túnica de gala, vermelha, e cobria a cabeça com o «sássia», barrete de guerra, todos os recém-chegados ostentavam as exóticas vestimentas características, excepto os bijagoz. Esses pavoneavam-se, semi-nus, mostrando as desenvolvidas musculaturas, sob frágeis cobertores e as ainda mais frágeis «tangas». Na cabeça, com os cabelos pintados a vermelho, apresentavam estranhos ornamentos dourados, que constituem, nas suas aldeias, luxuoso motivo de elogios e de vaidades.

Instrumentos variados e singulares, máscaras de dançarinos, e uma profusão de coisas cujo préstimo é, por enquanto, para nós, enigmático, constituíam as bagagens dessa gente simples, que escancarou os olhos diante do casário da capital, dos automóveis, dos carros eléctricos e, até, da velha carricana dum vendedor ambulante de fruta.

Entre as mulheres, veem algumas «bajudas», virgens de diversas aldeias, que são ínfimas em canções sertanejas e bailados.

Depois das formalidades costumadas, os indígenas desembarcaram e dirigiram-se, rodeados por muito povo, que os contemplava curiosamente, para a estação do caminho de ferro de Santa Apolónia. Ali a Polícia teve que estabelecer um cordão em seu redor, pois a multidão não cessava de ver e comentar os recém-chegados.

Os indígenas partiram, ontem, mesmo, para o Pôrto. O embarque fez-se na referida estação, às 20 e 25. Seguiram numa carruagem de 3.ª, juntamente com os vagões de mercadorias de grande velocidade, até Braço de Prata, sendo ali aquele material atrelado ao «correio» do Norte, que saiu da estação do Ros-

A fauna de Moçambique

(Esquema de uma lição)

Depois que o Liceu de 5 de Outubro, de Lourenço Marques, se tornou Central, fui quasi todos os anos o professor de geografia da 7.ª classe. Inscreve-se no programa o estudo da fauna das colónias portuguesas e quer nos compêndios adoptados, quer no livro *Colónias Portuguesas* de Ernesto de Vasconcelos, quer noutros ainda, não encontrei um texto satisfatório sobre a fauna moçambicana. Elaborei, pois, o plano de lição que se segue e êle me serviu mesmo para preencher duas páginas da monografia da Colónia que fui encarregado de organizar e organizei para a Exposição de Sevilha.

FAUNA

A fauna da Colónia de Moçambique é extremamente variada.

Mamíferos

Pelas selvas moçambicanas encontram-se representadas quasi todas as ordens de mamíferos: primates, quirópteros, carnívoros, roedores, proboscídeos, artiodáctilos, perissodáctilos, desdentados, e pelos seus mares os cetáceos.

Assim se encontram quadrúmanos de várias espécies, macacos (os cinocéfalos são muito vulgares no distrito de Inhambane); o morcego, o leão, o leopardo, a onça, o linco, o gato bravo, o cão do mato ou *mabe-co*, o chacal, a hiena, a raposa, o rato, a doninha e o mangusso (*Herpestes caffer*), o coelho, a lebre, o porco-espinho, o elefante, o rinoceronte, o búfalo, a girafa, os antílopes, o porco do mato, o javali, a zebra, o pangolim, etc., etc.

Pela costa moçambicana encontram-se muitas toninhas e tem-se pescado a baleia. Pesca-se também com certa frequência o mamífero sirenideu que é conhecido no Oceano Indico por *dugong* (*Halocore Dugong*) e que nesta costa chamam peixe-homem e peixe-mulher. Chega a ter 2m,50 de comprimento.

Pertencem à fauna fluvial moçambicana alguns mamíferos, como o hipopótamo ou cavalo-marinho (*Hippopotamus amphibius*) e a lontra.

Aves

Abundam também as aves mais variadas: corredoras, como a avestruz; de rapina, como a águia, a águia sem cauda (*Helotarus ecaudata*), o milhafre; nocturnas, como a coruja e o mocho; pássaros, como a andorinha, o corvo de colar (*Corvultur albicollis*), o corvo de escupatório (*Pterocorax*), espécies de papagaios, peri-

quitos e chiricos; trepadoras, como o pato das árvores (*Dendrocycna*), o pica-pau e o cuco; columbídeos, como a pomba e a róia; galináceas, como a galinha do mato (*Namidia cornuta*), a abetarda, a perdiz e a codorniz; pernitais, como o grou, o marabú, o secretário; palmípedes, como o pato, o pato de esporão (*Plectropterus gambensis*), o cisne.

Algumas aves, porque não podem viver longe dos rios ou das regiões alagadiças, devido principalmente à alimentação de que precisam, frequentam as margens dos rios e lagoas; tais são o pelicano, a garça, o pato, a narceja, o pica-peixe, a águia pescadora (*Haliaeetus vocifer*).

Répteis

Encontram-se em quasi todos os rios o jacaré ou crocodilo; por toda a parte se encontra o camaleão, o lagarto e a lagartixa, bem como cobras ou serpentes várias, das quais algumas das mais perigosas são a *mamba*, de que há a variedade preta e a verde; a cobra cuspidora, etc. No Niassa encontram-se serpentes do género *python*, a boa ou gibóia, a cobra alcafta, etc. São vulgares o cágado e a tartaruga.

Tem sido apanhados exemplares enormes de tartaruga marítima (*Chelone imbricata*).

Peixes

A fauna marítima e fluvial, ictiológica, é muito abundante devido principalmente à favorável temperatura das águas e à extensão da plataforma continental. Encontram-se nas águas da Colónia o carapau, a enchova, a gangrupa, o linguado, a mermilha, o pargo, a pescada, a pescadinha, o salmonete, a sardinha, o peixe-serra, a corvina, o charéu, a douradilha, o peixe-pedra, peixe-roncador, a sardinha, o peixe-agulha, o peixe-china, o peixe-sapatiro; a raia, o cação, o peixe-espada, o peixe-ladrão, a lasca, o saio e muito outro peixe miúdo de que se alimentam os indígenas.

Crustáceos, moluscos, etc.

Por toda a costa há muito marisco: amêijoas, ostra, camarão, caranguejo, caranguejola, lagosta, lagostim, berbigão; tem-se pensado em facilitar aqui a propagação da ostra portuguesa (*Ostrea angulata*, Lamarck).

Os indígenas vendem nos paquetes que tocam nos portos do norte da Colónia, madréporas e equinodermes (estrélas do mar e ouriços).

São frequentíssimas nestes mares as holotúrias. A *Holothuria edulis* é chamada

sio. Assistiram ao embarque, por parte da C. P., os srs. engenheiro Pereira Barata, sub-chefe de serviço, Nascimento e acompanhou-os o inspector principal sr. J. Rodrigues.

Os indígenas estiveram, antes da partida, a comer, num restaurante próximo da estação, acompanhados por alguns polícias da esquadra do Caminho de Ferro.

nesta costa *macofojo* e constitue artigo de exportação para a China, onde é consumida com o nome de *tripang*. É o *bicho do mar* dos antigos navegadores portugueses.

Nas praias do norte apanha-se o cauril (*Cypraea moneta*) pequeno bizzo que se exportava para a Costa da Mina, pois valia nesse país como moeda corrente. Encontra-se a ostra perliera (*Maleagrina Fucata*) no arquipélago do Bazaru, em Moçambique e Cabo Delgado, e, mais raramente, em Lourenço Marques, e colhem-se esponjas.

Certas conchas dos mares do norte de Moçambique são exportadas para Hamburgo, onde as utilizam na manufactura de camafes, ornatos e utensílios de sala.

Insectos e aracnídeos

São inúmeras as espécies de insectos que se encontram nesta Colónia, e muito dignas de estudo, pois se algumas são úteis à agricultura, outras são prejudiciais, muitas outras tem um grande papel na transmissão de doenças.

Encontra-se espalhada pela Colónia a abelha, havendo mesmo uma apiculera cafreal, que dá ensejo a uma certa exportação de cera.

Por vezes os gafanhotos e saltões abatem-se como verdadeira praga sobre as culturas. Encontram-se a mósca, seja a mósca vulgar, doméstica, transmissora de doenças como a disenteria amibiana, etc., seja a mósca tsé-tsé, que infesta algumas regiões do Niassa, de Moçambique, de Quelimane e de Tete e que pode transmitir ao homem a doença do sono, e aos animais, sobretudo ao gado bovino, outras tripanosomíases.

A carraça, que se encontra espalhada por toda a parte, é transmissora de doenças ao gado bovino, que precisa de ser frequentemente banhado em tanques carcaciaes. Ao homem transmite também a carraça a *febre das carraças*, a *tick-fever* dos ingleses.

Nos charcos e pântanos são muito frequentes uns pequenos caracóis, os *planorbis* e os *bulinus*, que transmitem a bilariose.

Há muita variedade de mosquitos: *culex*, *anopheles*, *stegomyia*. Os *anopheles* são transmissores do *paludismo*, *malária* ou *febre de Africa*.

Um insecto muito doméstico é a *barata*, de grande tamanho, de cor castanha, roedora implacável dos nossos livros. Há também a *formiga*, e, mais tenível, a *formiga-branca* ou *termite*, vulgarmente chamada *muchém*. Constróe pelo mato os seus ninhos, por vezes enormes, constituindo verdadeira praga para a agricultura. Quando se instala nas casas é capaz de as fazer desmoronar em pouco tempo. Nos matos encontra-se a *formiga-cadáver*, que deve o seu nome ao cheiro repugnante que exala.

Onde há insectos, forçosamente há de haver *aracnídeos*, seus canibais. E na Colónia há-os, alguns de dimensões enormes, grandes *aranhas*, *escorpíes* ou *lacraus*, etc.

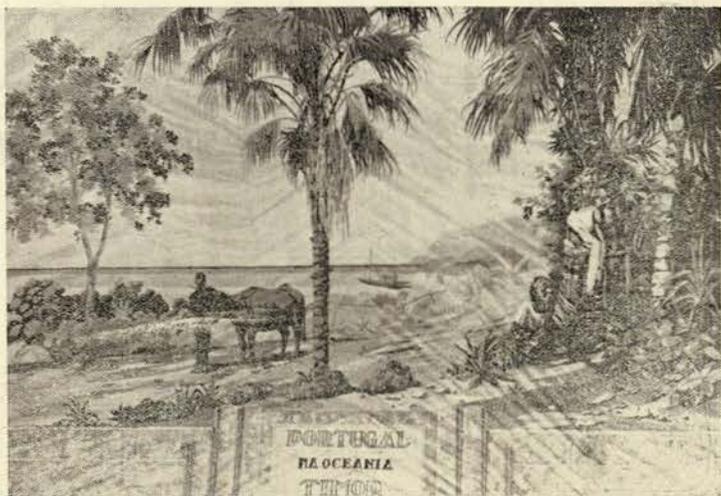
No Museu da Colónia encontra-se uma excelente coleção de insectos, incluindo mósca, tsé-tsé e mosquitos, mas sendo sobretudo famosa a coleção de borboletas.

Junto da Direcção dos Serviços de Agricultura há uma secção de entomologia, encarregada do estudo dos insectos em relação à agricultura da Colónia.

ANTONIO BARRADAS,
Professor de Geografia do Liceu de Lourenço Marques.

PORTUGAL NA OCEANIA

Timor — "Panneaux" que ornamenta a Nave Central do Palácio das Colónias



Informação da quinzena

Congresso Nacional de Antropologia Colonial

De 7 a 11 de Outubro deste ano realizar-se-á, nesta cidade, o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, uma das mais importantes manifestações da I Exposição Colonial Portuguesa, que tem como director e organizador o conhecido publicista e colonialista tenente Henrique Galvão, que à comissão do referido Congresso tem dispensado as suas melhores atenções. Este congresso, levado a efeito pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Pórtio), originará uma ilustre assembleia de cientistas nacionais e estrangeiros, estando já inscritas numerosas individualidades. Entre outras, mencionaremos as seguintes adesões: Sociedade de Geografia, Associação dos Arqueólogos, Escola Superior Colonial, Instituto de Antropologia do Pórtio, Instituto de Anatomia do Pórtio, Instituto de Antropologia de Coimbra, Repartição de Antropologia Criminal do Pórtio, Sociedade Martins Sarmento, etc., etc. Entre a doutras individualidades, contam-se já com a dos srs.: tenente-coronel Leite de Magalhães, prof. Germano Corrêa (Índia), prof. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, capitão Almeida Moreira, D. João Evangelista de Lima Vidal, arcebispo de Ossirinco e Superior Geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, dr. António Nascimento Leitão, dr. Armando de Matos, etc.

Como conferencistas, podemos apontar os nomes dos profs. Eysébio Tamagnini (Coimbra), Lopo Vaz de Sampaio e Melo (Lisboa) e Aarão de Lacerda (Pórtio), que versarão, respectivamente, os temas seguintes: *O problema da mestiçagem, Alguns aspectos do eterno feminino nas Colónias e Arte negra.*

Estão sendo preparadas algumas festas de recepção aos congressistas, para as quais foi solicitada a cooperação da Comissão da I Exposição Colonial, da Câmara Municipal do Pórtio, da Associação Comercial do Pórtio, etc., cuja gentileza cabe destacar.

A Comissão Organizadora é composta pelos srs. prof. dr. A. A. Mendes Corrêa, prof. dr. Hernani Monteiro, prof. Luís de Pina, dr. Alfredo Ataíde e dr. Joaquim R. dos Santos Júnior, respectivamente presidente, vice-presidente, secretários gerais e tesoureiro.

Toda a correspondência respeitante a este congresso deve ser dirigida aos mencionados secretários gerais, Instituto de Antropologia, Universidade do Pórtio.

A lista de adesões e trabalhos já anunciados para este Congresso, há a acrescentar que prometeram, também, a sua valiosa colaboração os ilustres professores e colonialistas, Lídio Cipriani, da Universidade de Florença, que tem estudos recentes sobre a nossa Colónia de Moçambique; Paul Rivet, professor de Antropologia no Museu de História Natural de Paris e director do Museu Etnográfico do Trocadéro e Camilo Vallaux, o eminente geógrafo francês, antigo professor da Escola Naval.

A parte musical da Exposição

Foram concluídas as instalações dos alto-falantes no recinto da Exposição, cujas experiências excederam a expectativa. A mon-

tagem e o funcionamento foram atribuídos aos srs. Arnaldo Trindade & C.ª, L.da, em colaboração com a *Invicta-Rádio*, que tem a concessão dos reclames sonoros e que, durante o funcionamento do certame, promovem a audição de músicas populares portuguesas.

Como se sabe, vem, proposadamente, de Angola a banda de música da I Companhia de Infantaria Indígena, que deu, há dias, um concerto no Funchal, onde demonstrou a sua boa organização.

Os músicos indígenas far-se-ão ouvir, todos os dias, umas vezes de tarde e outras de noite, consoante os programas organizados pelo seu director-regente.

Também, a parte musical da Exposição terá a colaboração dos seguintes grupos musicais: *Grupo de Cabo Verde*, composto por tocadores de violinos, violas, flautas e jazz — os seus componentes são civilizados e, entre eles, há um cantor de *mornas* e *sambas*, que tem discos gravados; *Grupo de Moçambique*, constituído por *chopes*, tocadores de *marimbas*, que, pela primeira vez, é dado, em Portugal, ouvir; *Grupo da Índia*, composto por *mandangueiros*, tocadores exóticos de instrumentos típicos; *Grupo de Macau*, que se compõe de quatro músicos que se fazem ouvir em músicas chinesas.

Todas as audições que estão projectadas podem não ser de inteiro agrado do público, mas, pelo menos, uma nota inédita e não é fácil voltar a ouvir estas modalidades musicais.

Constituem, por isso, um forte atractivo da Exposição.

Oferta de roupas para os indígenas da Exposição

A firma Santos & Filho, desta cidade, oferece ao director da Exposição, para serem utilizadas pelos indígenas, 6 camisas, 9 camisolas e 6 blusas do fabrico da sua casa.

Secção zoológica da Exposição

Aém doutros animais, vem de Angola, para figurar no fôssco, construído na antiga rua do Palácio, os seguintes exemplares: 1 leão, 2 búfalos, 1 golungo, 1 búfalo pequeno, 1 palanca, 1 cabra de leite e outros antílopes.

"Retiro do Quissange"

O restaurante *Retiro do Quissange*, instalado no bosque e dominando um surpreendente panorama sobre o rio Douro, principiará a funcionar, por estes dias.

Propaganda das Missões Ultramarinas

A comissão executiva da Propaganda das Missões Ultramarinas esteve no Palácio a apresentar cumprimentos ao sr. tenente Henrique Galvão e a convidá-lo para fazer parte da comissão de honra, em que estão incluídos os srs. governador civil do Pórtio, comandante da I Região Militar, prelado da diocese, presidente da Câmara, conselheiro-presidente da Relação, presidente da Junta Geral, chefe do Departamento Marítimo e procurador da República.

A comissão executiva, que vai iniciar, agora, a sua missão é constituída pelas

sr.ª D. Ana José Guedes da Costa, condessa de Aurora, D. Fernanda de Vanzeler, D. Adelina Nogueira Pinto de Oliveira, D. Maria Pinto de Macedo, D. Maria Ana Vaz de Sampaio e Melo, D. Olga Andressen de Almeida e pelos srs. condes de Vilas-Boas e de Aurora, drs. António Pinheiro Tóres e José Nosolini, Eurico Lima de Magalhães, Antero Pacheco da Silva Moreira, Eduardo Romero e Lara Everard.

Experiências de montagens

Já foram feitas, com excelentes resultados, experiências de iluminação e dos alto-falantes *Webster*, montados pela casa Arnaldo Trindade & C.ª Limitada.

Representação de Cabo Verde

Já chegaram à Exposição 34 volumes que contêm o mostrário agrícola desta Colónia e vários artefactos indígenas. Esse mostrário contém, ainda, amostras dos artigos de exportação daquele arquipélago, tais como milho, tabaco, porgueira, café, aguardente de cana e tantos outros, tudo classificado pela Repartição dos Serviços Agrícolas e Florestais.

O relvêlo do arquipélago, que servirá para, de forma curiosa, fazer a indicação estatística das actividades das ilhas, também chegou e a sua montagem deve ser, dentro em breve, começada.

Em 11 de Junho próximo, deve chegar a Lisboa uma deputação de naturais que compreende: uma orquestra (quinteto), organizada em S. Vicente, sob a regência do *maestro Belez*, que executará as típicas *mornas* que constituem a nota característica do valioso *folklore* daquela Colónia; quatro pares de dançarinos da Boavista, sob a direcção do *maestro* Remeal, que darão a nota original dos bailados cantados que fortemente vincam a sentimentalidade expressiva caboverdeana.

Os dançarinos e dançarinas são, também, hábeis artífices oleiros e sirgneiros, que no recinto da Exposição executarão trabalhos de especialidade com matérias primas vindas da Colónia.

Vem, também, dois casais de tecelões, com os seus teares primitivos, para o fabrico dos afamados panos de Cabo Verde.

Os serviços oficiais da Colónia enviaram, também, documentários gráficos tendentes a comprovar a actividade do apetrechamento económico que está sendo efectivado naquela Colónia.

Representação etnográfica

Ao fundo da avenida da Índia, por trás do arco dos viso-reis, está a ser construído o pavilhão da representação etnográfica, no qual serão expostos vários objectos de uso dos indígenas e peças artísticas, por eles confeccionadas.

Entrada no Palácio, durante as obras

Os jornais diários publicaram, há dias, esta nota:

A direcção da Exposição pede, uma vez mais, a todas as pessoas que desejam o êxito da Exposição e a boa ordem dos trabalhos, o grande favor de não pedirem entradas para ver as obras.

A direcção foi obrigada a não consentir

visitas que, além doutros inconvenientes, prejudicam os trabalhos.

É, como é preciso o tempo que todos os dias se perde a atender pessoas que desejam visitar a Exposição, desde já se agradece, como subidá fineza, o favor, a todos, de auxiliarem o trabalho, aguardando a abertura da Exposição para a visitarem.

Parada Regional de Entre-Douro-e-Minho

Com o maior entusiasmo continua a inscrever-se, para esta grandiosa manifestação patriótica, a população rural dos concelhos da antiga Província de Entre Douro e Minho.

Em todos êles se estão organizando grupos representativos das respectivas regiões, e são interessantíssimos os que já estão organizados em Amarante, Fafe, Vila do Conde, Braga, Marco de Canavezes, Barcelos, Baião, Espozende, Viana do Castelo, Coimbra, Guimarães, Vila Verde, Penafiel e Barroso.

Todos os dias na secretaria da Exposição se recebem comunicações sobre a organização de novos grupos regionais que asseguram à parada um êxito formidável.

Padrão dos mortos da Guerra, em Luanda

O escultor Henrique Moreira ofereceu a *maquette* do padrão dos Mortos da Guerra, de Luanda, para figurar no certame.

Bilhetes de admissão para o período da Exposição

Tendo sido recebidos vários pedidos de bilhetes de entrada permanente no recinto da Exposição, a direcção resolveu: a) que se fornecesse, a quem os requisitar, bilhetes de entrada permanente ao preço de 250\$000 escudos, válidos por todo o período da Exposição; b) que aos sócios ou gerentes das firmas expositoras, e só a estes, se forneciam os mesmos bilhetes ao preço reduzido de 150\$000 escudos.

A requisição deve ser feita por escrito, indicando o nome e morada, acompanhada por duas fotografias.

A requisição para bilhetes a preços reduzidos deverá ser feita em papel do expositor, indicando e garantindo a qualidade de *sócio* ou *gerente*, igualmente acompanhada pela fotografia em duplicado.

As requisições devem ser dirigidas à Secretaria-geral no Palácio de Cristal.

Alojamentos no período do certame

Na direcção-técnica da Exposição tem sido recebidas informações e ofertas de alojamentos, que muito facilitarão o acesso de visitantes ao Pórtio durante o período da Exposição.

Visita do cônsul de Portugal na Corunha

Visitou, em 26 do mês pretérito, acompanhado de sua família, os trabalhos da Exposição, o sr. Manuel Saragga Leal, activo cônsul de Portugal na Corunha, que informou, minuciosamente, o director-técnico da Exposição do interesse e do entusiasmo que se nota no Norte de Espanha e, em especial, na sua área consular, pelo certame.

Aquele considerado funcionário diplomático tem desenvolvido extraordinária propaganda no sentido de promover o acesso de várias excursões de turistas ao Pórtio.

Criou, por sua iniciativa, uma agência de informações sobre o certame e interessou nesse grandioso empreendimento nacional os estabelecimentos de ensino oficiais e par-

Quereis um bom café?

VISITAI O

AGUIA D'OURO

Preferido pelo "Turismo"

O melhor e o mais confortável salão de bilhares ♦ Esmerado Serviço Bebidas Nacionais e Estrangeiras

Batalha, 34 ♦ PORTO ♦ Telef. 2996

CAFÉ

Só do

EXCELSIOR

RUA SÁ DA BANDEIRA, 48

Ouro--Pratas--Joias

Comprem directamente aos ourives-fabricantes
no Largo Corpo da Guarda, 36 — PORTO

TELEFONE, 5776

liculares, agremiações corais, artísticas e desportivas. E, assim, durante o período da Exposição, serão organizadas na Corunha várias excursões para o que aquela autoridade consultar tem trabalhado, activamente, conseguindo obter facilidades de passagem, na fronteira, junto das estâncias superiores espanholas e portuguesas.

A entrada e a saída de automóveis estão a ser regularizadas junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros de forma a auxiliar o êxito da Exposição, facilitando, por taxas mínimas e excepcionalmente, o trânsito daquela modalidade de transportes.

Durante o período da Exposição, realizar-se-ão, por mútua combinação entre o sr. Saragga Leal e o sr. tenente Henrique Galvão, interessantes festas típicas galegas, no recinto da Exposição, que devem despertar entusiasmo e constituirão, por certo, números de grande atracção do certame.

O sr. cônsul de Portugal na Corunha, retirou-se, com as melhores impressões de tudo o que viu, há dias, no Palácio de Cristal, louvando os trabalhos em realização.

Postos de venda de bilhetes de entrada no Palácio

No sentido de facilitar os serviços de entradas no Palácio, durante a Exposição, serão estabelecidas bilheteiras na estação de S. Bento, na Oragem de O Comércio do Porto e em algumas casas comerciais, além das privativas do Palácio.

Estabelecer-se-á também o serviço de passes ao preço de 250\$00 para o público em geral e de 190\$00 para os Expositores e seus gerentes e cooperadores reconhecidos pela direcção.

Propaganda da Exposição nos Caminhos de Ferro

A Associação dos Comerciantes do Porto, prosseguindo na sua patriótica iniciativa de intensificação da propaganda a favor do certame, acaba de obter, também a valiosa cooperação de todas as Companhias de Caminhos de Ferro do Continente, das Ilhas e das Colónias, no sentido de que, nas carruagens e estações, sejam afixados os cartazes de propaganda que fez editar para tal efeito.

E, assim, registou, com prazer, a adesão da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, da Companhia dos Caminhos de Ferro do Mondego, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, da Companhia Portuguesa das Linhas do Vale do Vouga, do Caminho de Ferro do Cais do Sodré e Cascais, da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, etc.

Indígenas de Angola

Mais pormenores sobre a representação etnográfica da provincia de Angola: 15 rapazes da Missão Católica de Caconda; 1 feiteiro com todos os elementos de «trabalho»; 1 família *qupungo*, constituída por uma mulher, quatro crianças e um *soba*; 1 família *ganguelas* e outras da Damba. Já embarcaram, em Angola, os *mukankalas*, negros pigmeus que veem tomar parte na Exposição.

Os Indígenas na Exposição

Chegou ao conhecimento da direcção-técnica que pessoas mal intencionadas se occupam em propalar que, ultimamente, tem morrido indígenas, entretanto que, também, inventam casos de moral duvidosa.

Desmentem-se êsses boatos, afirmando-se que aos indígenas é dispensada a melhor e carinhosa assistência, sob todos os aspectos,

para o que se encontram, perfeitamente, montados e em regular funcionamento os respectivos serviços de saúde e de vigilância, por forma a serem mantidos todos os princípios da maior disciplina.

O aspecto moral e sanitário dos referidos indígenas é, como se poderá verificar, excelente.

Selos comemorativos

Deve estar concluída, brevemente, a coleção de estampilhas que a Direcção Geral dos Correios e Telegrafos vai emitir, de \$25, \$40, \$80 e \$160, de propaganda da I Exposição Colonial Portuguesa.

Literatura colonial

Na Exposição acoitam-se, como já foi dito, todas as obras de literatura colonial que os autores ou editores desejem vender na livraria oficial da Exposição.

Serviços de Saúde na Exposição

Pelo sr. dr. Flores Loureiro, chefe dos Serviços de Saúde na Exposição, auxiliado por uma enfermeira, foram vacinados contra a varíola, os 63 indígenas da Guiné.

Bandeira das Descobertas

A Bandeira das Descobertas, que, durante a Exposição, flutuará no pequeno castelo situado no bosque do Palácio, é oferecida pelas esposas dos associados do Rotary Club do Porto, que, dessa forma, querem contribuir, gentilmente, para o certame.

Representação de Angola

Informações sobre alguns detalhes da representação enviada pela Colónia de Angola ao certame:

De Moçambiques vem um largo mostruário de peccas, pecuária, caça, arte indígena, agricultura e indústria afirmando a posição progressiva dêste distrito de Angola.

A circumscrição civil da Damba envia rico mobiliário de industria indígena.

O Caminho de Ferro de Luanda envia uma notável *maquette* construída nas suas oficinas, representando o bairro onde estão fixadas as suas instalações, desde a igreja da Nazaré à fortaleza do Penedo, com o estúdio ferro-viário, estação, oficina, habitações de pessoal, etc. Está, também, incluída a futura ponte-cais com dois navios acostados, a fim de mostrar as possibilidades do porto.

Representação de Moçambique

O Governo Geral de Moçambique envia à Exposição os seguintes mostruários:

Descobertas e Conquistas — *Maquettes* da Fortaleza de S. Sebastião; Esbôço representativo da penetração e alargamento do domínio português e reprodução da carta de Lahtia.

Urbanização — *Maquettes* de Lourenço Marques antigo e moderno.

Porto e Caminhos de Ferro — *Maquette* do Porto e Caminho de Ferro de Lourenço Marques com os respectivos guindastes.

Faróis — Carta em relevo da Colónia com todos os faróis da costa, com as respectivas características.

Produção — *Stands* das madeiras, frutas e *maquette* do frigorífico para frutas de Lourenço Marques.

Etnografia — Palhota com utensílios indígenas, arte e fotografias.

Caça — *Stand* com vários grupos de animais.

Saúde — *Maquettes* de enfermarias regional e de 2.ª classe, pósto e carta sanitárias.

Instrução — *Maquettes* das escolas de Artes e Offícios de Moamba, Professores Indígenas, Sexo feminino de Albazini e rudimentar para indígena, Artes Gráficas e carta geológica.

Hino da Exposição

Começaram os ensaios de conjunto do hino da I Exposição Colonial Portuguesa, que a direcção técnica do certame entregou ao director artístico do Orfeão do Porto, com o convite para êste Orfeão inaugurar a Exposição.

O texto do hino é da autoria do sr. conde de Vilas-Boas, cantando as riquezas do nosso Império Colonial, e foi musicado pelo distinto professor sr. Hernâni Tôres, coadjuvado pelo *maestro* sr. Raul Casimiro.

Facilidades nas fronteiras

A pedido do director-técnico da Exposição, estarão asseguradas, durante o período do certame, facilidades nas fronteiras.

É proibido o lançamento de fogo do ar e aerostatos

O sr. Governador Civil do Porto proibiu, em edital que mandou afixar, desde 25 de Maio findo ao encerramento da Exposição, o lançamento de fogo do ar e aerostatos nas áreas das freguesias de Miragaia, Massarelos, Lordelo do Ouro, Cedofeita e Vitória.

Nos concelhos do Porto, Gaia, Gondomar, Maia, Matosinhos e Valongo é, também, proibida a venda e lançamento de aerostatos.

Mousinho de Albuquerque

Entre outros objectos de valor histórico que figurarão na sala da occupação militar, vai ser exposta a máscara de Mousinho de Albuquerque obtida após o seu falecimento pelo escultor Costa Mota.

Cabo aéreo

Prosegue os trabalhos da instalação do cabo aéreo que em seis vagonetes transportará da Rua da Restauração para o Palácio, junto ao restaurante, os visitantes que dêle se queiram utilizar.

Êste cabo aéreo proporcionará aos visitantes um espectáculo de emoção pela altura em que deslizam as vaguetes.

Um decreto sobre a entrada e permanência de automóveis no País

Pelo Ministério das Finanças, foi publicado, no *Diário do Governo*, o seguinte decreto-lei:

«Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Consti-

tução, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo único — Aos veículos automóveis para transporte de pessoas, trazendo ou não carros de bagagem, atrelados, e aos *side-car* e bicicletas com motor, quando desprovidos de tripticos ou *carnets de passages en douanes* mas documentados com certificado internacional de circulação, trazidos por turistas durante o período da Exposição Colonial do Porto é permitida a entrada e permanência no País pelo prazo de trinta dias com dispensa de prestação de fiança ou depósito dos direitos devidos por êsses veículos.

§ 1.º — Pelas alfândegas adoptar-se-ão as providências convenientes para evitar o descaminho aos direitos dos veículos a que êste artigo se refere, os quais deverão trazer as placas indicativas da sua nacionalidade e o número de inscrição no respectivo país.

§ 2.º — Findo o prazo de trinta dias de permanência no País os veículos em causa serão apreendidos, salvo se os seus detentores houverem requerido, por motivo justificado, prorrogação do prazo de trinta dias antes de o mesmo findar.»

A colaboração do Jardim Zoológico

O Jardim Zoológico de Lisboa, que acaba de atingir 50 anos de existência e que é, sem dúvida, um dos recintos mais populares do País e um dos melhores da especialidade, far-se-á representar na Exposição Colonial, a convite da direcção do certame.

O Jardim Zoológico enviará, de preferência, exemplares ali nascidos, destacando-se, entre estes, um soberbo casal de leões, o que vai contribuir para que a secção zoológica da Exposição se afirme pela variedade e valia dos animais exibidos.

IMPrensa COLONIAL

VOZ DO PLANALTO

Órgão da defesa da colonização de Angola, *Voz do Planalto* publica um espediêdo número especial dedicado à cidade de Nova Lisboa e à I Exposição Colonial Portuguesa.

Com excelente aspecto gráfico, *Voz do Planalto* contém atraente e esclarecida colaboração, larga publicidade e numerosas illustrações.

Voz do Planalto, com a edição dêste primoroso número, muito contribui para a boa e patriótica propaganda da I Exposição Colonial.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Fibro-Cimento Nacional "LUSALITE"

é um material leve, resistente, incombustível. Preserva do calor no verão, do frio no inverno. Resiste à humidade e aos insectos. A sua duração é illimitada.

Para o continente e para as colónias deve ser preferido em todas as construções, quer para telhados, quer para tetos e revestimentos interiores.

Fornece-se em chapas lisas e onduladas desde Esc. 8\$00 o metro quadrado.

DEPOSITÁRIOS GERAIS: **Corporação Mercantil Portuguesa, L.ª**

Telef.: 23948
28941

Rua do Alecrim, 10
LISBOA

End. tel.: FIBROCIAMENTO

Sousa Cruz & C.ª, L.ª

BANQUEIROS

13, Praça da Liberdade, 14 — PORTO

Efectuam todas as operações bancárias
Serviço especial de sobretaxas de exportação

Filial em Matosinhos — Rua Brito Capelo, 262
DELEGAÇÃO CENTRAL DA COMPANHIA DE SEGUROS "GARANTIA"

Le 16 Juin prochain, il sera permis aux portugais et aux étrangers, d'observer dans la ville de Porto une pittoresque Exposition réunissant des éléments suggestifs d'étude et de puissantes attractions pour la distraction de ses visiteurs.

Le Palais de Cristal et ses jardins ont été choisis pour la réalisation du concours et on a profité des conditions exceptionnelles de l'édifice et de l'enceinte, dominant le fleuve Douro et un horizon enchanteur, composé par des aspects d'un régionalisme fort et impressionnant. Il n'était pas facile de trouver un local interdit, avec une surface disposée en forme de jardin, réunissant un ensemble si propice à une démonstration tropicale, dans le centre d'une ville possédant des traditions, une population nombreuse et une importance économique comme Porto.

Il y a quelques mois que l'on procède aux travaux de montage car l'Exposition Coloniale est, au-dessus de tout, une entreprise organisée, pensée et tracée d'avance, qui est en train d'être exécutée sur un rythme croissant; c'est le développement d'un programme qui a été approuvé après une appréciation méditée.

On prétend, en premier lieu, réaliser une démonstration qui instruisse, divulgue et convainque. Au Portugal, malgré notre position internationale de puissance coloniale, le peuple ignore tout ce qu'on a fait pour valoriser les domaines portugais d'outremer. Les uns se rapportent à l'Afrique d'un ton vague, afin de suppléer leur manque de connaissances, d'autres l'admettent comme un refuge d'indésirables ou pour la satisfaction égoïste de leurs ambitions commerciales. Mais les colonies-factoreries, le bagnard et les bilieuses sont en train de passer à l'histoire pour donner lieu à des affirmations progressives de l'expansion de la Race Lusitane. Il faut promouvoir un changement de vue et cette transformation peut seulement se faire moyennant une démonstration bien documentée.

Beaucoup de leçons vont être offertes dans les divers chapitres ou sections dans lesquels le concours est divisé. L'expansion de la colonisation portugaise à travers le Monde, marquant des procédés qui ont été souvent discutés, mais qui possèdent — selon ce que l'expérience est en train de montrer — en plus d'une personnalité accentuée, des vertus sur d'autres adoptés, recevra tout le relief qu'elle mérite. L'assistance spirituelle et économique, les études scientifiques, la prévoyance, les ressources naturelles et leur exploitation, l'enseignement, la littérature, l'ethnographie, les procédés courants de la science, des lettres et



LA PREMIERE

Exposition Coloniale Portugaise

des arts sont évidents de façon à intéresser les hommes de science, les professeurs et les élèves, les industriels et les commerçants, les étudiants et les frivoles car on prétend même attirer l'attention de ceux-ci au moyen d'expédients peut-être ingénus mais d'une facile appréhension visuelle.

De curieuses révélations sont préparées comme, par exemple, les travaux, presque ignorés entre nous, des médecins portugais sur l'étude des calamités du continent noir et sur les campagnes de défense prophylactique des indigènes; l'action persévérante des missionnaires catholiques dont l'abnégation n'est diminuée ni par la mort, ni par les privations ni par les injustices des hommes; sur les résultats obtenus par les investisseurs nationaux dans la zoologie, la météorologie, la climatologie, la botanique, la géodésie, l'hydrographie, la géologie, l'hydraulique, enfin, sur toutes les modalités de la science, pour défricher l'ignorance à propos des régions qui composent l'Empire; l'évolution de l'urbanisme, montrant comment il a été possible de faire de localités inhospitalières des villes splendides et peuplées, qui possèdent les premières places dans l'échelle d'importance des régions nationales; sur la démonstration de l'enseignement dans les colonies, comprenant les établissements supérieurs, les lycées centraux et nationaux, les écoles techniques, d'instruction primaire, enfantines et d'arts et métiers. Fourni aux blancs, mulâtres et indigènes; sur l'outillage des ports et des chemins de fer, comme les villes dans les premières places de l'échelle nationale en importance, en mouvement et en influence économique; et dans les possibilités de l'exploitation agricole, industrielle, d'élevage, minière et sociale, qui marquent l'horizon colonial comme un vaste champ d'initiatives.

Parmi ces démonstrations, l'idée du «petit Portugal» s'évanouit car un orgueil justifié provoquera la connaissance des détails qui seront évidents; et l'idée de l'Afrique en retard, des milieux empiriques, des populations sauvages s'en va — en vérifiant les éléments de civilisation adoptés et créés: avions, automobiles, télégraphie, hôpitaux, maternités, docks et grues gigantesques, monuments, avenues avec de belles perspectives bordées d'excellents édifices, hôtels somptueux, modes de vie que beaucoup de régions de la Métropole ne possèdent pas.

Les huit colonies portugaises envoient toutes des éléments régio-

naux pour compléter la composition décorative, graphique et didactique qui est en train d'être montée avec les ressources, inconnues de beaucoup, qui existent déjà aujourd'hui à Lisbonne, dans une précieuse collaboration des organismes dépendants du Ministère des Colonies. Des natifs viennent aussi et cette réunion d'africains, indous, chinois et malaisiens constituera une des plus curieuses attractions de l'Exposition Portugaise. Le drapeau des cinq écus couvre les continents du monde depuis beaucoup de siècles et dans ce concert colonial il était indiqué que cette réunion fût observée, apportant à la Mère-Patrie des contingents de tous les territoires de l'Empire. Pour la première fois, une compagnie de «landins» (soldats indigènes), foule le sol européen — les soldats nègres portugais renommés, dont la collaboration dans la souveraineté nationale en Afrique et en Orient s'affirme depuis longtemps efficace, valeureuse et souvent héroïque. Pour la première fois aussi, des élèves de missions religieuses viennent au Portugal en assemblage, dans une démonstration ennobliante du catéchisme catholique. Des chefs indigènes, des artisans, des marins, des pêcheurs, des danseurs, de simples pâtres et des agriculteurs viendront garnir des villages indigènes, des temples, des campements, des chaumières et compléter de typiques compositions ethnographiques, avec un fort pouvoir émouvant pouvant donner, bien qu'incomplètement, sur la rive droite du fleuve Douro, pendant environ trois mois, des aspects de la vie des peuples du reste du Portugal, éparpillés sur les deux hémisphères.

Mais d'autres facteurs garantissent le succès du concours. L'illumination du Palais et des jardins sera faite par les procédés les plus modernes en utilisant les expédients les plus récents. Le montage sera fait depuis les plus puissants réflecteurs et tours illuminantes jusqu'aux fontaines et post lumineux. Ce montage coutera quelques centaines de milliers d'escudos. Les jardins seront ornés avec des monuments, des allégories, des pavillons, des stands, de suggestives réclames graphiques et lumineuses, des établissements divers et des reproductions de motifs coloniaux encadrés dans la végétation locale, soignée par des techniciens, qui sont en train de chercher à tirer parti de la mosaïque-culture, des arbres et de l'adaptation de spécimens de la flore africaine, en créant un ambiant si ce n'est exotique, mais tout au moins

ayant quelque signification. Le secteur de divertissements renferme des installations d'amusements généralement utilisés en marge de ces concours et une démonstration zoologique avec des exemplaires de la faune africaine, pour maintenir l'ensemble d'attraits qui retiennent les habitués et donner à l'Exposition du mouvement, de la joie et de la vivacité.

On a prévu également l'attraction des visiteurs, en les recrutant dans les diverses couches sociales et dans les zones variées du Pays et même de l'Etranger. On a demandé avec instance aux compagnies de navigation toutes les facilités possibles sur les transports, ainsi qu'aux entreprises de chemins de fer; on a pressé les lycées et établissements d'enseignement d'organiser des excursions scolaires, en profitant de l'opportunité spéciale offerte par l'Exposition pour une expressive et éloquente leçon coloniale; on a demandé aux groupes et aux sociétés excursionnistes de préférer Porto dans leurs promenades annuelles; en 1934; on a prié les consuls portugais en Espagne, en France et en Angleterre de faire une propagande suggestive sur cette entreprise dans le but d'attirer des visiteurs et de convaincre les touristes qui nous visitent fréquemment à inclure dans leurs itinéraires la ville ou l'Exposition fonctionne.

L'aspect du concours, en ce qui concerne la culture, est en train d'être étudié et il comprend une série de congrès agricoles, économiques et sociaux, dans laquelle devront prendre part des personnalités de la Métropole et d'Outremer.

Pour divers motifs, le concours en montage à Porto, en se revêtant d'une signification patriotique et de caractéristiques inédites au Portugal, comptera comme une démonstration et une grande entreprise de propagande, en défrichant l'ignorance de beaucoup et en appelant l'attention de la Nation vers ces lieux ou la séculaire épopée lusitane, parmi des générations sans histoire s'est affirmé et agrandi.

MIMOSO MOREIRA.

Parada regional agrícola

Está, definitivamente, marcado o dia 15 de Julho próximo para esta grandiosa manifestação da população rural de Entre-Douro-e-Minho.

São numerosíssimas as adesões recebidas. Todos os concelhos da antiga provincia portuense em fazer-se representar na parada, da maneira mais brilhante.

Estão nisso empenhadas, além das autoridades, as pessoas mais representativas de cada concelho.

Vai ser um acontecimento retumbante e uma das festas mais impressionantes da Exposição.

